

APRESENTAÇÃO

O JORNALISTA, CRONISTA, comediógrafo e funcionário público do Ministério da Viação Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo [1855–1908] aparece como colaborador do periódico *A Estação: Jornal Ilustrado para a Família* em 1884, sob o pseudônimo x. y. z., encarregado das colunas “Teatros”¹ e “High life”.² Em dezembro de 1885, inicia a coluna “Croniquetas” sob outro pseudônimo, *Elói, o herói*, com o qual, em linguagem simples e crítica, percorre o panorama cultural, político e econômico da época, sem estabelecer discussões muito profundas.

Os textos publicados quinzenalmente sob esse pseudônimo em *A Estação* vão de 15 de dezembro de 1885 a 30 de junho de 1903. No décimo terceiro número de 1903, saído em 15 de julho, a crônica é assinada por “U. Z.” e a coluna “Teatros”, por “F.”. A partir de então, “Croniquetas” passa a ser assinada por diferentes nomes, até a descontinuação do periódico, em fevereiro de 1904.

Este volume reúne 87 crônicas publicadas de 15 de dezembro de 1885 a 31 de dezembro de 1889. Optou-se, portanto, pela inclusão dos quatro primeiros anos da contribuição de Artur Azevedo, no intuito de contemplar o período que nos parece mais relevante do ponto de vista da crônica social e política, uma vez que a proclamação da República, no dia 15 novembro de 1889, representa um ponto de corte em relação à antiga ordem vigente.

1 O escritor substitui Dantas Júnior, que escrevia a coluna “A Cidade e os Teatros”.

2 Espécie de crônica social que antecedeu a coluna “Croniquetas”.

Durante o período selecionado, Artur Azevedo não publicou a coluna nos números de 15 de maio, 15 de junho, 15 de setembro, 15 de outubro, 30 de novembro e 15 de dezembro de 1887; 29 de fevereiro e 15 de dezembro de 1888; e 15 de setembro de 1889. Todas as edições de *A Estação*, à exceção da primeira delas, de 15 de dezembro de 1885, localizada no acervo digitalizado da Fundação Casa de Rui Barbosa, foram consultadas no acervo disponibilizado pela hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional. Não conseguimos localizar a parte literária das edições de 15 de janeiro de 1887 e de 15 de abril de 1889. Por fim, o exemplar de 31 de maio de 1887 da hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional se encontra incompleto e o de 15 de janeiro de 1889 da mesma hemeroteca, os únicos que conseguimos localizar, apresenta trechos ilegíveis.

Embora o início da série, no final de 1885, imprima a estratégia narrativa do autor, caracterizada por elementos como a escolha do pseudônimo, a seleção temática e o tom de diálogo com as leitoras, as crônicas, cujos temas eram, sobretudo, amenos e culturais, como peças de teatro, exposições e lançamentos de livros, tornam-se mais políticas a partir de 1888. Passam também a comentar os embates entre abolicionistas e conservadores e a excitação política que culminaria na conturbada transição do Império para a República, tendo como cenário o Rio de Janeiro. A intensificação da crise política que derrubou a Monarquia se confunde com os debates travados pelos intelectuais brasileiros a respeito da luta abolicionista e cujo palco cotidiano eram os *meetings* nas esquinas, nos teatros e nos cafés, ou seja, no espaço público da Corte, tendo os cronistas e os autores de teatro sido mediadores e amplificadores das insatisfações que cresciam “no olho da rua”.

As crônicas de Artur Azevedo constituem, portanto, uma importante fonte literária por meio da qual se revela uma cidade múltipla, envolvida em tensões políticas. As sociabilidades específicas da época, a efervescência e os intercâmbios culturais, e o registro de importantes *personas* históricas, sempre matizados pela acidez e a comicidade típicas do autor, ajudam, ao lado de diversas outras fontes primárias consolidadas em crônicas, a (re)construir as memórias de um Rio de Janeiro em transformação. Hoje, com os 450 anos da cidade recentemente completados, textos como estes contribuem para o entendimento de um passado abstrato que se reconfigura diante de nós à luz de histórias que, surgidas de fontes diversas, como as histórico-literárias, continuam a se reescrever.

Agradecemos, por fim, os apoios concedidos pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) para a realização desta edição e pelo Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) para a viabilização da pesquisa necessária à sua produção.

Tatiana Siciliano

Olga Bon